

A LITERATURA INFANTIL, OS CONTOS DE FADAS E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS ALFABETIZADORAS

Gisele Cunha de Oliveira¹
Francely Aparecida dos Santos²

RESUMO

Sabe-se que os contos de fadas fazem parte da infância e é através deles que as crianças podem desenvolver a imaginação, a curiosidade, a personalidade e a autonomia. Partindo dessa afirmativa esse estudo teve por objetivo o discutir a forma na qual os contos de fadas são trabalhados em duas turmas de alfabetização. A pesquisa foi realizada com duas professoras alfabetizadoras em uma escola da rede municipal de ensino da cidade de Montes Claros – MG. No processo metodológico utilizamos a pesquisa de campo e a observação como instrumento de coleta de informações a duas professoras, no cotidiano de suas salas de aula. As informações foram analisadas com base na análise de conteúdo. À luz do referencial teórico adotado, afirmamos que, no contexto investigado, as professoras reconhecem e entendem os benefícios dos contos de fadas para o desenvolvimento da criança no processo de alfabetização, afirmando que os mesmos estimulam o gosto e interesse pela leitura e desenvolve a linguagem oral e escrita, quando são sistematicamente utilizados em salas de aulas. Dizemos ainda que, se os contos forem trabalhados durante o processo de alfabetização, eles contribuem significativamente para a formação da criança, desenvolvendo nelas a capacidade de imaginar, questionar, recriar, criticar, além do desenvolvimento da autonomia de leitura e escrita, auxiliando ainda, na construção de sua autonomia, personalidade e desenvolvimento cognitivo, permitindo que ela adentre no universo do saber por meio da fantasia.

Palavras-Chave: Literatura Infantil. Contos de Fadas. Práticas Pedagógicas Alfabetizadoras.

CHILD LITERATURE, FAIRY TALES AND LITERACY PEDAGOGICAL PRACTICES

ABSTRACT

Fairy tales are known to be part of childhood, and it is through them that children can develop imagination, curiosity, personality and autonomy. From this statement this study aimed to discuss the way in which fairy tales are worked in two literacy classes. The research was carried out with two literacy teachers in a school of the municipal school of the city of Montes Claros - MG. In the methodological process we use field research and observation as an instrument for collecting information from two teachers, in the daily life of their classrooms. Information was analyzed based on content analysis. In the light of the adopted theoretical

¹ Doutora em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação-PPGE, Unimontes -Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros/MG, francely.santos@unimontes.br

² Egressa do Curso de Pedagogia, Unimontes -Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros/MG, gioliveira9150@yahoo.com.br

framework, we affirm that, in the investigated context, the teachers recognize and understand the benefits of fairy tales for the child's development in the literacy process, stating that they stimulate the taste and interest in reading and develop language. oral and written when they are systematically used in classrooms. We also say that if tales are worked during the literacy process, they contribute significantly to the formation of the child, developing in them the ability to imagine, question, recreate, criticize, besides developing the autonomy of reading and writing, helping, in the construction of its autonomy, personality and cognitive development, allowing it to enter the universe of knowledge through fantasy.

Keywords: Children's Literature. Fairy tale. Literacy Pedagogical Practices.

INTRODUÇÃO

A partir da temática inserida no campo da alfabetização e das práticas pedagógicas dos contos de fadas, problematizando-as como possibilidade de aprendizagens mais interessantes e participativas pelas crianças. A pesquisa teve por objetivo o discutir a forma na qual os contos de fadas são trabalhados em duas turmas de alfabetização.

O desejo de pesquisar essa temática surgiu por meio de estudos anteriores sobre o tema, através de aulas expositivas, estudos, discussões e reflexões em grupos e individuais, leitura de livros e de artigos e trabalhos de campo, como por exemplo, a participação em projetos de Iniciação Científica no decorrer dos estudos no curso de Pedagogia, em oportunidades onde a literatura infantil foi utilizada como prática pedagógica, despertando grande curiosidade acerca da importância da utilização da literatura infantil e em específico, dos contos de fadas, no processo de alfabetização de crianças de seis anos de idade.

Buscando aprimorar e ampliar o conhecimento sobre o assunto, decidimos aprofundar os estudos nessa temática, pois acreditamos que, ao trabalhar com os contos de fadas em sala de aula, a criança terá possibilidades de conhecer mais o interior de cada ser humano e sobre as soluções e resoluções de conflitos a partir de sua interpretação infantil, mas, sobretudo utilizá-lo como instrumento no processo de alfabetização.

Para Bettelheim (1986), os benefícios dos contos de fadas resultam do modo como a criança pensa e experimenta o mundo, auxiliando-as em suas construções, pois ainda não possui maturidade e conhecimento para compreender a sociedade e o mundo de maneira lógica e racional.

A pesquisa se apresenta como qualitativa, tendo como procedimento, a revisão de literatura, fundamentada principalmente nos estudos de Abramovich (1995), Bettelheim (1986), Goulart (2007) e Zilberman (1985), entre outros, pois as discussões deles alicerçaram a pesquisa e a análise das informações coletadas. Outro procedimento foi a Pesquisa de Campo realizada em uma escola municipal, localizada na cidade de Montes Claros/MG.

Para coleta de informações utilizou-se a observação como instrumento de pesquisa. Foi observado o trabalho desenvolvido por duas professoras do sistema municipal de ensino, quando da utilização dos contos de fadas enquanto práticas pedagógicas no processo de alfabetização. A escolha pelo primeiro ano de escolarização do Ensino Fundamental, fase de alfabetização, como foco da pesquisa, se deu para atender o objetivo dessa pesquisa e por ser uma questão que nos apresenta interesse de reflexão e de discussão, uma vez que os estudos sobre os processos de alfabetização fazem parte da formação e de atuação do profissional qualificado no Curso de Pedagogia com formação para atuar em turmas da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

OS CONTOS DE FADAS NO CONTEXTO DA LITERATURA INFANTIL

Em turmas de alfabetização, que fazem parte do último ano da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, os contos de fadas podem fazer parte desse universo. Eles são narrativas populares contadas desde a antiguidade. Suas histórias remetem à realidade, estimulando o imaginário e a curiosidade da criança. Ouvindo histórias, a criança se diverte, se emociona, sorri e mergulha num mundo novo, repleto de fantasia (BETTELHEIM, 1986).

Os contos de fadas são capazes de sensibilizar, emocionar, de revelar outros tempos, costumes e lugares. Contribuem para a construção da personalidade da criança e edificação de sua autonomia, além de despertar o gosto pela leitura. É por meio de um mundo repleto de fantasia, que a criança é possibilitada de aprender com diversão, onde o momento da leitura é favorável à sua aprendizagem e contribui para a construção de um sujeito letrado e crítico. Sendo ainda que, através dos contos a criança desenvolve sua imaginação, curiosidade, personalidade e autonomia (BETTELHEIM, 1986).

Essa pesquisa pode contribuir para descobertas acerca do valor assumido pelos contos de fadas na alfabetização, por mostrar um possível caminho para tornar o processo de alfabetização mais prazeroso contribuindo significativamente para uma aprendizagem mais significativa para os alfabetizandos.

Essa aprendizagem também faz parte do processo de construção histórica da formação de professores, pois os alunos tem um lugar especial e pode ser representado quando um professor se depara pela primeira vez com um grupo de alunos e de alunas, e nesse momento ele se depara, na verdade, é com um grupo de histórias vivas de ação como ponto de partida (BECKER, 2002) de um processo alfabetizador. E nesse processo de alfabetização, a literatura infantil pode se constituir como uma prática e de uma apropriação pedagógica diversificada e interessante de aprendizado.

Segundo Araújo e Brito (2010), a alfabetização é uma temática que cada vez mais se torna pertinente nos debates dentro das pesquisas em educação, sendo considerada como objeto de estudo complexo e de grande interesse, por apresentar a necessidade da melhoria das práticas alfabetizadoras, bem como, a necessidade de compreender o processo de aquisição da leitura e da escrita. Deste modo, os procedimentos utilizados em sala de aula precisam ser pensados a fim de atender os alunos, para que possam adquirir habilidades básicas de leitura e escrita.

O termo alfabetização designa o ensino e o aprendizado de uma tecnologia de representação da linguagem humana, a escrita alfabético-ortográfica. O domínio dessa tecnologia envolve um conjunto de conhecimentos e procedimentos relacionados tanto ao funcionamento desse sistema de representação quanto às capacidades motoras e cognitivas para manipular os instrumentos e equipamentos de escrita (SOARES e BATISTA, 2005, p.24).

É para uma nova dimensão da entrada no mundo da escrita que se cunhou uma nova palavra, letramento. O conceito designa, então, “o conjunto de conhecimentos, atitudes e capacidades envolvidos no uso da língua, em práticas sociais e necessários para uma participação ativa e competente na cultura escrita” (SOARES e BATISTA, 2005, p. 50)

A ampliação do conceito de alfabetização se manifesta não só nos Censos, mas também na escola. Até muito recentemente, considerava-se que a entrada da criança no mundo da escrita se fazia apenas pela alfabetização, pelo aprendizado das “primeiras letras”, pelo desenvolvimento das habilidades de codificação e de decodificação. O uso da linguagem escrita, em práticas sociais de leitura e produção

de textos, seria uma etapa posterior à alfabetização, devendo ser desenvolvido nas séries seguintes (SOARES e BATISTA, 2005, p.53).

Consideramos necessário que a escola alfabetize os alunos num contexto letrado, tornando-se importante destacar a relação entre alfabetização e letramento. Alfabetização é a capacidade que o indivíduo tem de saber ler e escrever. Letramento é fazer uso social da leitura e da escrita (SOARES, 2004).

Assim, é preciso que o professor busque estratégias diversificadas para o trabalho do processo de alfabetização. E nesse processo é fundamental despertar e manter na criança o interesse pela leitura, como por exemplo, utilizando a literatura infantil no processo de alfabetização. Zilberman e Magalhães (1984) expõem que é a linguagem, o instrumento mediador entre a criança e o mundo, se propiciada através da leitura, despertará na criança um alargamento do domínio linguístico, e a literatura infantil preencherá uma função de conhecimento.

No processo de alfabetização, ouvir histórias infantis, como os contos de fadas, contribui significativamente para o processo de letramento literário das crianças (MACHADO, 2007). Pois ao ouvi-los, a criança inicia um caminho de descobertas e de compreensão do mundo. Os contos de fadas é uma das ferramentas que contribui significativamente para que a alfabetização da criança seja construída, já que são relevantes possibilidades didáticas para se trabalhar nas turmas de alfabetização, onde proporciona ainda, alfabetizar letrando. Nesse processo, criança, ao se apropriar do código escrito e realizar leitura, também fará seu uso socialmente e por isso, “vai aprendendo sobre os usos e as funções sociais da língua escrita, seu valor, suas variadas possibilidades de manifestação” (GOULART, 2007, p.62).

A leitura e a escrita assumem papel importante na sociedade, tornando necessário que a escola adquira o compromisso de proporcionar experiências do uso da leitura e da escrita desde o início do processo de alfabetização, visando à formação significativa de seus alunos. Esta experiência pode ser vivenciada através de oficinas de reconto, reescrita, cantinho de leitura, projetos de literatura, dentre outras. E compete ao professor realizar estas experiências, por ser o responsável em despertar nos alunos o gosto pela leitura. Isto vai ao encontro da ideia de Zilberman (1985) quando supõe, na melhor das hipóteses, que os professores recorram aos livros literários para estimular o gosto pela leitura nos pequenos.

As histórias fazem parte da literatura infantil e ajudam aguçar o imaginário das crianças, podendo auxiliar na leitura e na escrita, além de possibilitar a apreciação de uma leitura prazerosa, já que, a aproximação das crianças com a linguagem escrita pode ser materializada em textos e histórias. Como afirma Goulart (2007, p. 63) “são seus modos de ver/ler/viver os textos que vão dando forma, mostrando como funcionará, como produz sentido aquela linguagem”.

Tornando importante que o professor, por ter “um papel fundamental de provocar o olhar, chamar atenção de detalhes, de sentidos e de formas [...]” (GOULART, 2007, p.64) desenvolva ações alfabetizadoras que possibilitem unir a literatura infantil aos procedimentos pedagógicos, como as práticas de contação e de reconto das histórias, além da exploração do conteúdo e estrutura textual. Assim, através da linguagem escrita, presente nas histórias, as crianças poderão desenvolver suas capacidades de raciocinar, interpretar e criar, mas para isto o professor precisa intervir, provocar e incentivar as discussões.

Ao ler histórias na sala de aula, como os contos de fadas, o professor estará estimulando os alunos a prática de leitura, e assim, o entusiasmo da criança em ler poderá ser a cada dia mais aguçado. Segundo Abramovich (1995) “como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem

para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo...” (p.16).

Por ser, a literatura infantil, um recurso pedagógico que oferece construções na aprendizagem, é fundamental que o professor proporcione aos alunos o contato com estes escritos, para que a aprendizagem possa ser efetivada de maneira prazerosa e encantadora. Para isso, a seleção dos livros das histórias infantis precisa ser minuciosa. Conforme Abramovich (1995),

O critério de seleção é do narrador...[...]. Claro que se pode contar qualquer história à criança[...]. Qualquer uma, desde que ela seja bem conhecida do contador, escolhida porque a ache particularmente bela ou boa, porque tenha uma boa trama, porque seja divertida ou inesperada ou porque dê margem pra alguma discussão que pretende que aconteça, ou porque acalma uma aflição... (p.20).

Dessa forma, o professor tem a responsabilidade de selecionar para seus alunos, bons livros, que provoquem e permitam a construção de novos conhecimentos aplicáveis à vida e ao cotidiano em que o aluno está inserido.

É importante destacar também, que durante a leitura/contação de histórias, o professor possibilite a participação da criança, realizando indagações e questionamentos sobre o conteúdo da história, também de proporcionar situações em que os alunos possam falar de suas experiências reais e das expectativas acerca dos acontecimentos da história, para assim, reconhecer-se como integrante do processo de ensino e aprendizagem. Para Abramovich (1995) “[...] é **bom evitar as descrições imensas e cheias de detalhes**, deixando o campo mais aberto para o imaginário da criança” (p.21, grifos da autora).

Destacamos que o uso da literatura infantil é importante também para o desenvolvimento linguístico das crianças, que, como nos revela Zilberman e Magalhães (1984), “[...] o ler relaciona-se com o desenvolvimento linguístico da criança, com a formação de compreensão do fictício, com a função específica da fantasia infantil, com a credulidade da história e a aquisição de saber” (p. 01).

Nesse sentido, é indispensável o trabalho com a literatura infantil nas práticas alfabetizadoras, pois é um meio no qual a criança é levada a perceber e traduzir seus variados sentimentos, como a emoção, o medo, os anseios. Além de fortalecimento da sua estrutura linguística, da sua oralidade, da leitura, da descoberta de novas palavras, estimulação do imaginário. Além disto, Abramovich (1995) também revela que “**ouvir história pode estimular** o desenhar, o musicar, o ficar, o pensar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra). Afinal, tudo pode nascer dum texto!” (p.23, grifos da autora).

A literatura infantil favorece e proporciona a emoção, o encantamento e as descobertas e é na concepção de Zilberman (1995), ela é um elemento propulsor que poderá levar a escola à ruptura com a educação tradicional, por estabelecer com o leitor sua conversão a um leitor crítico e pensante, exercendo assim, a literatura, um papel transformador dentro do ensino.

A literatura infantil é “experiência essencial que funde o Prazer e o Conhecer [...]”(p.XI). “[...] é arte: fenômeno de criatividade que representa o Mundo, o Homem, a Vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática; o imaginário e o real; os ideais e sua possível/impossível realização”(COELHO, 1984, p.10). Entretanto, pode-se dizer que literatura infantil não é somente um recurso a ser utilizado para aquisição de habilidades como a leitura, a escrita e a construção do senso crítico, ela é arte, é meio possível de unir encanto e conhecimento.

Em vista disto, a literatura infantil se divide em gêneros, são alguns deles: lendas, fábulas, contos populares, contos de fadas, dentre outros. O que iremos destacar é o gênero contos de fadas, que é o foco do trabalho e discussão desse artigo, uma vez que podemos

supor que os contos de fadas, como gênero literário ganham espaço nas turmas de alfabetização, tornando-se importante instrumento de trabalho dessa etapa de escolarização.

ALGUMAS PRÁTICAS ALFABETIZADORAS A PARTIR DOS CONTOS DE FADAS

Segundo Bettelheim (1986), os contos de fadas são histórias milenares que ultrapassaram fronteiras e gerações, sendo recontados de pais para filhos. Com o passar do tempo foram se refinando, tornando seu conteúdo mais purificado, destinando-se a todos os níveis da personalidade humana, de maneira a atingir não somente os pensamentos dos adultos, mas principalmente os pensamentos infantis.

Através dos contos é possível viajar a outro universo, repleto de fantasias e emoções, proporcionando prazer ao contador e ao ouvinte. Para Cruz (2006), por meio dos contos, pode-se sorrir, chorar, emocionar, experimentar novos sabores, aprender coisas maravilhosas e conhecer novos escritores.

Segundo Abramovich (1995), o conto leva à descoberta de outros tempos, outros lugares, outras maneiras de agir, promovendo conhecimento em diversas áreas, possibilitando diversão através do enredo, dos personagens e com a maneira que o autor escreve de forma prazerosa e interativa. A trama vivida pelos personagens produz um encantamento. Abramovich (1995) nos revela que:

[...] Os contos de fadas estão envolvidos no maravilhoso, um universo que detona a fantasia, partindo sempre duma situação real, concreta, lidando com emoções que qualquer criança já viveu... Porque se passa num lugar que é apenas esboçado, fora dos limites do tempo e do espaço, mas onde qualquer um pode caminhar... Porque as personagens são simples e colocadas em inúmeras situações diferentes, onde têm que buscar e encontrar uma resposta de importância fundamental, chamando a criança a percorrer e a achar junto uma resposta sua para o conflito... Porque todo esse processo é vivido através da fantasia, do imaginário, com intervenção de entidades fantásticas (bruxas, fadas, duendes, animais falantes, plantas sábias...) (p.120).

Pode-se dizer, que os contos são encantadores e que ouvi-los contribui para a aprendizagem. Campos (2003) revela que os contos de fadas auxiliam a criança na construção de sua identidade, personalidade e autonomia. Bettelheim (1986) explica que “a tarefa de aprendizado da criança é precisamente a de tomar decisões acerca de mover-se por conta própria, no tempo devido, e em direção às áreas de vida que ela mesma seleciona” (p.146). Para este último, os contos de fadas auxiliam neste processo, mostrando possibilidades de se lidar com sentimentos e emoções, além disso, atenta a criança para desafios ou problemas que elas devem enfrentar ou evitar.

Os contos despertam a imaginação da criança possibilitando-a a relacionar fantasia e realidade, auxiliando-a na resolução de problemas e conflitos reais, por partir de problemas que descrevem uma realidade, como a pobreza, o medo, o amor, as carências, as perdas, as relações familiares dentre outros. De acordo com Bettelheim, (1986) as crianças se identificam com os heróis das histórias, em todas as suas lutas contra o mal. Assim, a criança imagina que sofre e triunfa com eles, fazendo essas identificações por conta própria, não somente o fato de o bem vencer que imprimem moralidade sobre ela, criança, mas sim, as lutas enfrentadas pelos heróis. Assim, “a seu modo a criança percebe que os contos são fantasias, mais que remetem à realidade. Isso porque também ela, criança, elabora sua realidade trabalhando com a fantasia, mas sabendo que vive uma vida real” (MONTEPULCIANO,1999, p.17).

Como ressalta Bettelheim (1986), através das histórias de fadas, a criança, por estar exposta na sociedade em que vive, pode aprender mais acerca dos problemas enfrentados pelos seres humanos, e sobre suas soluções. É possível que a criança também aprenda a enfrentar as situações vividas por elas, dentro de sua interpretação infantil, pois os contos imprimem uma moralidade.

Os contos contêm situações de conflito familiar, tragédia, abandono, pobreza, amores, sonhos e outros, e os problemas enfrentados e solucionados pelos personagens permitem que a criança se identifique com os mesmos, assim, ela percebe que os problemas e dificuldades existentes na vida podem ser enfrentados e resolvidos.

Esta é exatamente a mensagem que os contos de fada transmitem à criança de forma múltipla: que uma luta contra dificuldades graves na vida é inevitável, é parte intrínseca da existência humana – mas se a pessoa não se intimida, mas se defronta de modo firme com as opressões inesperadas e muitas vezes injustas, ela dominará todos os obstáculos e, ao fim, emergirá vitoriosa (BETTELHEIM, 1986, p.14).

Montepulciano (1999) revela que uma criança que possui contato com os contos de fadas consegue colocar ordem e significado em sua vida, enfrentando problemas básicos de modo corajoso. Dessa forma, ela terá condições de enfrentar e superar os problemas vividos. Para que a criança consiga colocar ordem e dar significado em sua vida, partindo das experiências vividas pelos personagens dos contos de fadas, se faz necessário que elas tenham um contato regular com estes, pois além de tentar superar seus anseios pessoais, a criança terá contato com situações que envolvem aprendizagem, como a leitura e a escrita. Além disto, de maneira dinâmica, o contato com os contos possibilita a inserção da criança no universo letrado.

Dessa forma, introduzir contos de fadas no processo de alfabetização é essencial para que os pequenos obtenham um êxito escolar, pois estes podem ser um importante instrumento pedagógico, que proporciona o desenvolvimento de habilidades para utilização de textos cada vez mais complexos. E como nos revela Coelho (1984), é através dos contos e histórias que as crianças passam a adquirir novos conhecimentos possibilitando a efetivação da construção da linguagem, oralidade, valores e sentimentos, contribuindo assim, para sua formação pessoal. Sousa (2010) revela que a escuta de contos é um mecanismo que insere a criança no universo da linguagem escrita, que a criança, ao perceber que através do livro poderá percorrer lugares mágicos, é motivada a interagir com o mundo letrado. Sousa (2010), ainda nos revela que, as diversas formas didáticas e criativas de trabalhar as fantasias presentes nos contos fazem com que a criança veja a escrita como forma de expressão, passando, a leitura e a escrita, a cumprir alguns de seus desafios, como desenvolver indivíduos ativos, cidadãos leitores e críticos.

Nesta perceptiva, Abramovich (1995) nos diz que ao ler uma história a criança também desenvolve todo um potencial crítico, que a partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar. Pode se sentir inquieta, cutucada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que pode mudar de opinião. Ainda, segundo a autora, a criança pode formar sua própria opinião, formular seus próprios critérios, começar amar um determinado autor, um gênero, um assunto ou uma ideia, e daí, ir seguindo por essa trilha e ir encontrando outros e novos volumes.

Os contos de fadas possuem grande importância e significado para as crianças. Assim, é fundamental que os contos estejam presentes em suas vidas desde o princípio da escolarização. Sobre o papel da escola, Souza (2010) revela que:

A escola não é só responsável pela propagação de conhecimento, como pode subsidiar a formação pessoal de cada ser humano. Os contos podem ser um

importante instrumento pedagógico, por ajudar no processo de simbolização, ao mesmo tempo em que alivia pressões inconscientes (SOUZA, 2010, p.35).

Mas, não basta somente incluir os contos de maneira desordenada nas práticas da sala de aula, é necessário que haja uma preparação, pois o professor deve ter intimidade com o conto para poder contá-lo de maneira agradável, evitando surpresas indesejáveis no decorrer da leitura. Abramovich (1995) vem nos dizer que quando se vai ler para a criança, seja qual for a história:

[...] não se pode fazer isso de qualquer jeito, pegando o primeiro volume que se vê na estante... E aí, no decorrer da leitura, demonstrar que não está familiarizado com uma ou outra palavra (ou com várias), empacar ao pronunciar o nome dum determinado personagem ou lugar, mostrar que não percebeu o jeito como o autor construiu suas frases e ir dando as pausas nos lugares errados, fragmentando um parágrafo porque perdeu o fôlego ou fazendo ponto final quando aquela ideia continuava deslizando, na página ao lado...

Pior ainda, ficar escandalizado com uma determinada fala, ou gaguejar ruborizado porque não esperava encontrar um palavrão, uma palavra desconhecida, uma gíria nova, uma expressão que o adulto-leitor não usa normalmente... Aí não há como segurar a sensação de ridículo e mal-estar, e tudo degradingola (p.18 e 20).

Ainda, segundo Abramovich (1995), não é apenas em relação a leitura das palavras que a dificuldade pode surgir, o professor deve considerar o conteúdo da narrativa, os preconceitos que esta pode passar, a relação entre os personagens, o sentido da história... É necessário ter em mente os objetivos que se pretende alcançar, e para que isso aconteça, o professor precisa conhecer a obra e sentir as emoções que o conto pode despertar. Além disto, é interessante organizar uma sequência de atividades alfabetizadoras coerente com os temas abordados no conto.

Em relação à contação de histórias, consideramos com Abramovich (1995) que, para que haja envolvimento entre a criança e o conto, é necessário que o contador saiba dar pausas e tempo para a criança imaginar, construir o cenário e visualizar os personagens, evitando descrições imensas e detalhadas, lançando mão das possibilidades e modalidades da voz, envolvendo o ouvinte ao iniciar a contação.

É preciso que se dê tempo às crianças, não ocupando-as logo em seguida com outra atividade ou outra história. É preciso que as crianças tenham a oportunidade de verdadeiramente “mergulhar” na atmosfera do conto, que possam falar sobre ele, sobre assuntos e sentimentos despertados. Só assim o conto terá desempenhado sua função emocional e intelectual (SOUZA, 2010, p. 1-2).

Para um satisfatório aproveitamento dos contos de fadas é necessário evitar as obras adaptadas com conteúdo reduzido e modificado. Para Abramovich (1995), cada informação da história possui função significativa que se eliminada ou restringida impedirá que a criança tenha uma compreensão integral do seu conteúdo. Neste mesmo sentido, Bettelheim (1986) declara que as versões amesquinhas e simplificadas dos contos amortecem e roubam seu significado mais profundo.

No momento da contação, o professor deve também estar preparado emocionalmente para narrar de maneira agradável e expressiva, usando de todo artifício para que o momento da contação seja repleto de significados.

Se o adulto não tiver condições emocionais para contar a estória inteira, com todos os seus elementos, suas facetas de crueldade, de angústia (que fazem parte da vida, senão não fariam parte do repertório popular...), então é melhor dá outro livro para a

criança ler... Ou esperar o momento em que ela queira ou necessite dele e que o adulto esteja preparado para contá-lo... De qualquer modo, ou se respeita a integridade, a inteireza, a totalidade da narrativa, ou se muda de história... [...] (ABRAMOVICH, 1995, p.121).

O professor não pode considerar apenas a leitura dos contos de fadas, o aluno necessita de tempo e espaço para penetrar nela e despertar seus sentimentos. Souza (2010) revela que os contos são utilizados em algumas escolas de maneira utilitarista, por desconhecimento da dimensão de possibilidades formativas presentes neles, assim, acabam desconsiderando seu sentido e significado, sugerindo que os professores busquem conhecer sua importância para o processo de desenvolvimento intelectual, afetivo e cognitivo da criança. Nesta perceptiva, Abramovich (1995) diz que simplesmente colocar a leitura do livro infantil no currículo escolar, sem objetivo algum, não quer dizer nada. Diz ainda, que pode até formar leitores, mas leitores sem nenhuma crítica, que apenas fazem de conta que leu.

É importante que a criança entenda e elabore sua própria visão do conto. O adulto não deve querer impor sua interpretação, pois isso poderá afetar a autonomia da criança e impedir que ela faça sua interpretação do conto.

As interpretações adultas, por mais corretas que sejam, roubam da criança a oportunidade de sentir que ela, por sua própria conta, através de repetidas audições e de ruminar à cerca da estória, enfrentou com êxito uma situação difícil. Nós crescemos, encontramos sentidos na vida e segurança em nós mesmos por termos entendido e resolvido problemas pessoais por nossa conta, e não por eles nos terem sido explicados por outros (BETTELHEIM, 1986, p.27).

Dessa forma, a apropriação satisfatória do conto depende do modo no qual o professor a conduz. Para isso é necessário que o professor, conheça a importância da utilização dos contos no processo de alfabetização, para utilizá-los como cunho pedagógico, de maneira dinâmica e construtiva, tornando-os significativos para a criança, tanto em seu desenvolvimento pessoal quanto da aprendizagem.

Este tópico objetiva discutir a forma na qual os contos de fadas são trabalhados pelas professoras, bem como as ações desenvolvidas pelos alunos, dentro da sala de aula do sistema municipal de ensino da cidade de Montes Claros – MG. A escola é localizada em um bairro periférico da cidade e atende a uma clientela de classe baixa à média baixa. A escola é pequena, possui uma boa estrutura física e oferece o ensino fundamental I, de 1º ao 5º ano. A pesquisa foi qualitativa, baseada em uma pesquisa de campo e uma revisão de literatura.

As participantes foram duas professoras, de duas turmas do primeiro ano de escolarização do ensino fundamental. A escolha das professoras se deu justamente pela autorização delas em atender um dos objetivos da pesquisa, que foi o de discutir a forma na qual os contos de fadas são trabalhados em duas turmas de alfabetização, no período em que as crianças, com faixa etária de 6 a 7 anos, estão sendo alfabetizadas.

A coleta de informações ocorreu no período de 31/03/2016 a 14/04/2016 no turno vespertino, sendo realizadas 20 horas de observação em cada sala, totalizando 40 horas. Nesse artigo, as professoras observadas foram identificadas como professora A e B, resguardando as identidades delas. Para realização da observação, foi esquematizado um roteiro, no intuito de discutir a forma na qual os contos de fadas são trabalhados em nessas turmas de alfabetização na busca de informações importantes que no ajude a responder a questão proposta nessa pesquisa.

Durante a coleta de informações, não houve nenhum tipo de imprevisto, tudo ocorreu como planejado. A escola, as professoras e os alunos foram bastante receptivos, tornando o

processo prazeroso e favorável à pesquisa que ser finalizados foram analisados com base na análise de conteúdo.

A professora A possui idade de 47 anos e a professora B 43 anos, ambas possuem graduação em Normal Superior. A professora A atua como alfabetizadora há 23 anos e a professora B há 21 anos. Os dados são indicativos que são professoras experientes e com formação para atuar nessa etapa do Ensino Fundamental.

É perceptivo que as duas professoras se enquadram nas exigências previstas pela LDB 9394/96, título VI, artigo 62, onde se faz necessário o curso superior para atuar como professor na Educação Básica.

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos 5 (cinco) primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio na modalidade normal (BRASIL, 1996).

A formação de professores para atuar nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental ocorre nos Cursos de Pedagogia e nesse caso, é extremamente importante que neles, o processo de alfabetização seja objeto de estudo, de reflexão, de pesquisas e de escrita acadêmica.

Visando a obtenção de coletar informações acerca das práticas pedagógicas alfabetizadoras na utilização dos contos de fadas, para que possamos discuti-las, elaboramos um roteiro de observação que foi seguido durante o processo de pesquisa de campo. Nesse caso, o roteiro tem os itens a seguir: como a professora inicia a aula, procedimentos pedagógicos utilizados, participação dos alunos, atitudes/reações mais comuns entre as crianças durante a contação, história/conto/momento que mais atraiu as crianças, conteúdos da alfabetização abordados com os contos ou durante os contos e como é finalizado o momento da contação.

Diante das observações, pudemos perceber que as professoras iniciam as aulas de forma rotineira, sempre com orações de cunho religioso, e em alguns dos dias que as observamos, as orações também eram seguidas por músicas infantis. No dia em que deu início as observações, as duas professoras, ainda no início da aula, explicaram aos alunos como procederia aquela semana, dizendo que iriam propor um trabalho diferente, utilizando os contos de fadas. A professora A trabalharia com o conto de *Branca de Neve e os sete anões* e a professora B com o conto de *João e Maria*. Disseram também, que as atividades seriam propostas de acordo com o conto lido naquele dia, ou seja, no primeiro dia da observação. Após as explicações, se iniciou a contação da história. Sobre esse processo, Abramovich (1995) nos diz os momentos da contação sejam os melhores, pois para as crianças é como se elas estivessem junto com as professoras, em um momento mágico. A utilização da frase inicial “era uma vez”, levou os ouvintes, e nesse caso, as crianças, ao mundo do faz de contas, que elas tanto apreciam.

Sobre os procedimentos pedagógicos utilizados e adotados pelas professoras, podemos afirmar que elas sempre primavam pela continuidade dos processos pedagógicos galgados na participação dos alunos fazendo com eles adentrassem na história que estava sendo contada. A professora A fez a leitura do conto de fada com o auxílio do livro, estando com ele em mãos. Ela foi realizando a leitura e em seguida mostrava aos alunos a ilustração, na medida em que ia lendo, indagava os alunos sobre os acontecimentos do conto, o que estava por vir na página seguinte, o que deixava as crianças com a curiosidade aguçada, além de estimular a capacidade de prever uma ação, criando hipóteses sobre elas. Essas hipóteses ao longo da contação era confirmadas ou refutadas e as crianças tinham que reelaborar os pensamentos e reflexões sobre o mundo que estavam entrando, que para elas era um mundo encantado. Nesse

sentido “ouvir histórias é viver um momento de gostosura, de prazer, de divertimento dos melhores... É encantamento, maravilhamento, sedução...” (ABRAMOVICH, 1995, p.24) e sobre essa possibilidade Coelho (1984) se posiciona revelando que uma das peculiaridades da literatura infantil, é que o ato de ler ou de ouvir histórias, transformando num ato de aprendizagem.

A professora B utilizou a contação através de imagens, como procedimento pedagógico no momento da história. Ela pediu aos alunos que fizessem um círculo no chão da sala, e ao iniciar a contação foi mostrando gradativamente as ilustrações do livro ao mesmo tempo em que questionava as crianças sobre os acontecimentos do conto, dando espaço para os alunos falarem e criarem hipóteses. Abramovich (1995) diz a esse respeito, que antes de iniciar a contação, é bom que o professor peça as crianças para se aproximarem, para formarem uma roda a fim de viverem algo especial, diz ainda, que depois, quando todos já estiverem acomodados, aí começa “Era uma vez...”.

Vale ressaltar ainda, que as duas professoras, antes de iniciarem a contação e a leitura, exploraram oralmente a capa do conto, apresentando o autor, o ilustrador, a editora, bem como, o título. E no final da leitura e da contação, as professoras A e B ainda continuaram fazendo perguntas às crianças, acerca dos acontecimentos ocorridos ao longo dos contos que foram contados.

Para as atividades após a contação das histórias, as professoras A e B, montaram uma sequência didática, e durante a semana realizava proposições aos alunos de atividades envolvendo conteúdos de linguagem oral e escrita a partir do conto explorado, fazendo uso do quadro, de pincéis e de atividades fotocopiadas.

Em relação à participação dos alunos, durante o processo de contação das histórias, podemos dizer que de maneira geral, os alunos, tanto da professora A quanto da professora B participavam sempre atentos e com prazer desses momentos. Quando questionados, se posicionavam fazendo inferências e suposições sobre o conto, demonstrando autonomia no pensamento e capacidade de pensar sobre os vários caminhos imaginários que os contos estavam apresentando. Para Abramovich (1995), é bom deixar as crianças à vontade para realizarem suas interpretações, sem lhes dar muitas descrições e detalhes da história, deixando o campo do imaginário aberto para que possam participar de maneira prazerosa.

O fato de contar histórias para as crianças durante o processo de alfabetização, pode trazer à tona ou desenvolver atitudes positivas perante os problemas da vida cotidiana. As atitudes e reações emanadas pelas crianças foram as mais comuns durante a contação e foi perceptível diante dos dois contos, que os alunos queriam participar a todo o momento, ficaram sempre atentos, sorriam, ficaram surpresos em algumas situações vividas pelas personagens, apresentaram indignação e espanto com as bruxas malvadas dos contos, quando uma ofereceu a maçã envenenada à Branca de Neve e quando a outra prendeu o João e a Maria. Foi visível também a alegria das crianças diante do final feliz das personagens e defesa do “bem” viver dos personagens dos contos de fadas trabalhados com elas. Abramovich (1995) vem nos dizer a esse respeito que:

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve – com toda a amplitude, significância e verdade que cada um deles fez (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário! (p.17).

Durante o processo de coleta de informações através da observação em sala de aula, pudemos verificar que a contação de histórias são momentos atrativos para as crianças e que

podem influenciar na aprendizagem delas. Os momentos dos contos que mais atraiu as crianças – pode-se dizer que ambos os contos atraíram a atenção das crianças-, mas no conto de Branca de Neve, o momento do beijo mágico dela com o príncipe despertou entusiasmo na maioria das crianças. Já no conto de João e Maria o entusiasmo maior foi quando as personagens encontraram a casa de doces e no momento em que conseguiram escapar da bruxa. A esse respeito, Bettelheim (1986) nos revela que, se tudo ocorrer bem com a contação, o entusiasmo da criança será contagioso, podendo indicar o quanto é significativo para ela aquele momento, ou até mesmo, aquele conto. Por isto, a importância do uso dos contos de fadas na faixa etária em que se encontram as crianças, pois estão abertas a fantasias, a imaginação, a ampliação do conhecimento, proporcionando caminhos de descobertas, já que o contato com a fantasia presente nos contos as auxiliarão na autorrealização de conflitos, podendo gerar realizações de cunho pessoal e perceber em si mesmas os momentos de felicidades vivenciados ao sofrer e vencer os sofrimentos junto com os personagens dos contos. Complementamos ainda com Bettelheim (1986) que diz: “O conto de fadas oferece materiais de fantasia que sugerem à criança sob forma simbólica o significado de toda batalha para conseguir uma auto-realização, e garante um final feliz” (p.50).

No processo de alfabetização, os contos podem proporcionar o trabalho com os conteúdos de aprendizagens das crianças em fase de alfabetização e nesse caso, observamos como as professoras fazem essa construção entre os contos e os conteúdos. Podemos afirmar que durante os dias observados os conteúdos abordados com o conto ou durante o conto que as professoras A e B propuseram atividades de linguagem escrita e oral, relacionando-as ao conto explorado. A primeira com o conto de *Branca de Neve e os sete anões* e a segunda com o conto de *João e Maria*.

A professora A explorou oralmente as informações presentes na capa do livro, além do registro coletivo dessas informações no quadro, pedindo também para que os alunos ilustrassem o conto, dividindo entre início, meio e fim. A partir do título do conto, iniciou o trabalho com a sílaba BR presente no nome da personagem Branca de Neve. Para isto, os alunos receberam uma ficha com diversas palavras que continham esta sílaba, para leitura, escrita no caderno, separação das sílabas e classificação quanto ao número de sílabas.

Trabalhou também com a organização do conto fatiado, onde o conto de Branca de Neve estava ordenado de maneira incorreta, daí a professora juntamente com os alunos organizaram o conto numerando-o, e posteriormente os alunos recortaram e montaram no caderno na sequência correta. A professora ainda tomou como referência a fruta maçã, presente no conto, propondo a elaboração de um poema rimado, conforme os alunos foram falando, ela ia organizando as ideias e copiando no quadro, por fim, o poema feito, foi lido pelos alunos e registrado no caderno. Além do poema, foi trabalhado a estrutura de uma receita, tomando como referência a receita de um suco e de um chá de maçã.

Com a elaboração coletiva do poema, consideramos interessante inseri-lo no trabalho:

Maçã

*A maçã envenenada
Assusta a criança
Quem comer essa maçã
Ficará desmaiada*

(01/04/2016. Autores: alunos 1º ano)

Os alunos desta professora montaram um álbum de figurinhas, a partir das gravuras e frases do conto. A professora lia as frases e os alunos tinham que identificar qual figura seria colocada naquela frase, os quadradinhos que não tinham figuras, os alunos tiveram que desenhar. Foi proposta ainda pela professora A, a elaboração da história em sequência,

criando-a, a partir de ilustrações. Houve também a reescrita, por parte dos alunos, do conto explorado pela professora durante a semana.

A professora B também trabalhou oralmente e com registro as informações contidas na capa do conto de *João e Maria*, e mais, o nome dos personagens principais. A professora B explorou a identificação das letras presentes nos nomes dos personagens João e Maria, pedindo aos alunos que pintassem de azul as letras do nome do João e de vermelho as letras do nome de Maria, em seguida, abaixo do desenho destes dois personagens, escreverem o nome de ambos.

Assim como a professora A, a professora B também trabalhou com a ilustração, pedindo aos alunos que desenhassem a parte do conto que mais lhes chamaram a atenção. Depois, tomando como referência a casa de doces, presente no conto, ela propôs uma atividade indagando os alunos a completarem as frases com o nome de possíveis doces encontrados na casa pelas personagens. A professora lia as frases, os alunos diziam qual doce, ela registrava no quadro e os alunos transcreviam para a folha.

A partir do nome das personagens João e Maria, a professora B realizou o trabalho com as letras J e M, onde sugeriu que as crianças falassem palavras com tais letras. A professora orientava e registrava no quadro, após feito os dois grupos de palavras, um com a letra J e outro com a letra M, os alunos copiaram no caderno. Ainda nesta perspectiva, a professora desenhou no quadro, o caldeirão da bruxa, e pediu aos alunos que falassem ingredientes, com as letras J e M possíveis da bruxa colocar em alguma fórmula mágica. Os alunos falavam, a professora ia orientando e registrando dentro do caldeirão. Também foi realizado o registro, pelos alunos, no caderno dos fatos relacionados às atividades trabalhadas.

A partir da metodologia anterior e visando a explicação sobre a estrutura de uma receita, a professora tomou como referência as receitas de feitiçaria feitas pela bruxa, propondo aos alunos a elaboração coletiva de uma receita para a personagem. Para isto, a professora explicou aos alunos a estrutura de uma receita, que depois falaram os ingredientes e o modo de preparo para a professora ir registrando no quadro. Depois de pronta a receita, a professora e os alunos realizaram a leitura coletiva. Campos (2003), sobre a experiência de aprender, afirma que o processo de aprendizagem é fundamental para toda a vida das crianças. Que elas e todos os indivíduos aprendem e desenvolvem comportamentos que os possibilitam viver ao exibirem os resultados da aprendizagem ao se apropriarem de do conhecimento historicamente acumulado pelo ser humano.

Diante das observações feitas até o momento, tanto a professora A quanto a professora B exploraram, com o conto escolhido por elas, a oralidade, a leitura e a escrita dos alunos. A leitura, a escrita, a oralidade desenvolvidas pelas crianças nos momentos das contações das histórias e depois aos sistematizarem o conhecimento e a aprendizagem podem favorecer a “remoção das barreiras educacionais de que tanto se fala, concedendo oportunidades mais interessantes de escolarização principalmente através da promoção do desenvolvimento da linguagem e do exercício intelectual, e aumenta a possibilidade de aprendizagens em situações de vida dos indivíduos (BAMBERGUER, 2000).

Nesse contexto de escolarização, o professor tem papel fundamental como mediador do processo de alfabetização fazendo com que a leitura pela criança e por ele mesmo seja percebida como algo importante e que tenha relevância, propiciando aos alfabetizando espaços adequados de leitura, de escrita, e de oralidade compondo aprendizagens mais interessantes e estimulantes. Para aproximar o aluno da leitura dos contos de fadas, faz-se necessário que o professor imponha à literatura uma finalidade significativa, possibilitando a formação de leitores para a vida estudantil e pessoal das crianças.

No período observado, pudemos verificar como que as professoras, ao trabalharem com os contos, finalizam esses momentos. As professoras A e B após encerrarem a leitura e contação dos contos continuavam com alguns questionamentos sobre o conteúdo que estavam

presentes neles. Foi observado, que ambas não utilizaram nenhum refrão especial para encerrar a história, como comentado por Abramovich (1995), mas que essa ausência não trouxe prejuízo para todo o processo desenvolvido por elas durante as atividades realizadas.

[...] não precisa ter pressa em acabar, ao contrário, ir curtindo o ritmo e o tempo que cada narrativa pede e até exige... E é bom saber dizer que a história acabou dum jeito especial: “E assim acabou a história. Entrou por uma porta, saiu pela outra, quem quiser que conte outra...” Ou com outro refrão que faça parte do jogo cúmplice entre a criança e o narrador... Ou simplesmente respirar fundo, olhar bem nos olhos e pronunciar “Fim”. Ou... Ou... (p.22).

É possível perceber que as professoras, participantes da pesquisa, abordaram conteúdos da alfabetização tais como: poema rimado, leitura coletiva, formação de palavras, separação e classificação de sílabas, trabalho com letras e sílabas, elaboração, organização e leitura de texto, interpretação oral, dentre outros. Tudo isto, levando em consideração o conto escolhido por elas, trabalhando as diversas possibilidades alfabetizadoras a partir do conteúdo presente no conto de fadas, dentro de uma sequência didática.

Diante de tudo, podemos dizer que o conto de fadas é uma ferramenta que auxilia as professoras nas atividades de alfabetização, pois várias atividades podem ser elaboradas tomando como base, este gênero. Tais atividades possibilitam que as crianças criem, que desenvolvam sua imaginação, raciocínio, gosto pela leitura, além de possibilitar a efetiva participação com questionamentos e interpretação oral. Assim, os contos de fadas proporcionam prazer, tornando-se estímulo para a aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa permitiu inserção dela no campo da alfabetização e das práticas pedagógicas dos contos de fadas, problematizando-as como possibilidades de aprendizagens mais interessantes e participativas pelas crianças. E por objetivos, desenvolvemos o de discutir a forma na qual os contos de fadas são trabalhados em duas turmas de alfabetização e a partir dos estudos realizados, foi possível constatar que os contos de fadas são de suma importância para o aprendizado e desenvolvimento das crianças em fase de alfabetização.

Assim, podemos dizer, que as duas professoras têm consciência da importância dos contos de fadas no processo de alfabetização das crianças, bem como, das diversas possibilidades de trabalho pedagógico com este gênero. As professoras também compreendem a importância do contato da criança com as histórias, por favorecer o desenvolvimento da linguagem oral, escrita, gosto e interesse pela leitura e que isso acontece de forma sistematizada, planejada e intencional pelas professoras, no período em que ocorreu a observação das aulas.

Os contos de fadas, se utilizados de maneira adequada nas práticas pedagógicas de alfabetização, com planejamento adequado e com objetivos a serem alcançados, podem contribuir significativamente na formação da criança, desenvolvendo nelas a capacidade de imaginar, questionar, recriar, criticar, além do desenvolvimento da autonomia de leitura e escrita.

Além disto, a observação possibilitou a análise do tema em estudo através da reflexão sobre as práticas desenvolvidas pelas professoras, tanto no momento do conto, quanto nas atividades alfabetizadoras propostas por elas. Assegurando as teorias, de que os contos de fadas são ferramentas importantes para o desenvolvimento da criança, sua utilização é relevante para seu desenvolvimento nos aspectos emocionais, afetivos e cognitivos. Os contos

de fadas, quando corretamente empregados, auxiliam as crianças na construção de sua autonomia, de sua personalidade e de seu desenvolvimento cognitivo, permitindo que elas adentrem no universo do saber, por meio da fantasia e da imaginação.

Com a realização da observação percebeu-se que no momento da contação das histórias, as crianças ficam atentas, encantadas, surpresas e gostam de fazer inferências. Sabe-se que o desenvolvimento não é estático, ele está em constante transformação, sendo necessário que o professor conheça as diversas possibilidades para se trabalhar na alfabetização de crianças, a fim de não desenvolver práticas de forma mecânica e superficial, sem planejamento e sem objetivos a alcançar. Neste sentido, ao utilizar os contos de fadas como procedimento pedagógico de ensino e de aprendizagem, os professores precisam realizar planejamento prévio, para que o conteúdo abordado no conto possibilite o desenvolvimento dos alunos. Portanto, para um trabalho sistemático com os contos, é fundamental que as professoras alfabetizadoras desenvolvam, a partir da avaliação de suas práticas em sala de aula, cursos de formação continuada, para uma assiduidade de conhecimento acerca dos procedimentos e reflexões sobre suas práticas e sua profissão na atuação de produção de conhecimento a partir do que foi historicamente construído pela humanidade.

O presente estudo tornou-se, portanto, significativo, pois conclui-se que as professoras reconhecem e entendem a importância da utilização dos contos de fadas para o desenvolvimento da criança no processo de alfabetização, vendo-o como um procedimento pedagógico que possibilita a união do prazer, do encantamento, da aprendizagem, com a aprendizagem da criança. Além disto, vimos durante a observação das aulas, que o trabalho com os contos de fadas estimula o gosto e interesse pela leitura e possibilita o crescimento da linguagem oral e escrita.

Por fim, afirmamos que o desenvolvimento de pesquisas nos cursos de graduação, e em especial no Curso de Pedagogia, precisa ser prática presente e constante na universidade como processo formativo de professores e de professoras que atuarão na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental. O estudante de Pedagogia, como futuro professor, precisa fazer da pesquisa uma prática constante, tornando-a instrumento para o crescimento do processo educativo, para assim, colaborar na resolução de problemas ainda existentes dentro das salas de aula, no que se refere ao processo de alfabetização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura Infantil: gostosuras e bobices. 5.ed. São Paulo: Scipione, 1995.

ARAÚJO, Juliana Brito de; BRITO, Antônia Edna. Prática pedagógica alfabetizadora: discutindo concepções de alfabetização. Disponível em: <
http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.4/GT_04_05_2010.pdf> Acesso: 20/12/2019.

BAMBERGER, Richard. Como incentivar o hábito da leitura. 7.ed. São Paulo: Ática, 2000.

BETTELHEIM, Bruno. A Psicanálise dos Contos de Fadas. 6.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

BECKER, Fernando. Construtivismo: apropriação pedagógica. In: ROSA, Dalva E. Gonçalves; SOUZA, Vanilton Camilo. Didática e práticas de ensino: interfaces com diferentes saberes e lugares formativos. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394/96 de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 20/12/2019.

CAMPOS, Antônio Silva. A psicopedagogia na sala de aula. Editora Ática. São Paulo/SP, 2003

COELHO, Nelly Novaes. A Literatura Infantil. 3.ed. São Paulo: Quíron, 1984.

CRUZ, Edimília Nascimento. Histórias Infantis e Formação de Leitores. 1.ed. Montes Claros:Unimontes,2006.

GOULART, Cecília. Alfabetização e letramento: os processos e o lugar da leitura. In: PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; CORRÊA, Hércules; MACHADO, Maria Zélia Versiani (Org.). Coleção Literatura e Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. P. 57-67.

MACHADO, Maria Zélia Versiani. Literatura e Alfabetização: quando a criança organiza o caos. In: PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; CORRÊA, Hércules; MACHADO, Maria Zélia Versiani (Org.). Coleção Literatura e Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 48- 56.

MONTEPULCIANO, Ignez. Fadas e Bruxas: um caminho para o crescimento interior. 1.ed. Belo Horizonte: Fio de Luz, 1999.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf/>. Acesso em: 20/12/2019.

SOARES, Magda Becker; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. Caderno do professor: Alfabetização e letramento. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005. 64 p. (Coleção Alfabetização e Letramento) ISBN: 85-99372-03-3

SOUZA, Ana A. Arguelho. Literatura infantil na escola: a leitura em sala de aula. Campinas/SP: Autores Associados, 2010.

ZILBERMAN, Regina; MAGALHÃES, Ligia Cademartori. A Literatura Infantil: Autoritarismo e Emancipação. 2.ed. São Paulo: Ática, 1984.

ZILBERMAN, Regina. A Literatura Infantil na Escola. 4.ed.São Paulo: Global, 1985.